

FMI adverte bancos para o risco da dívida

Falando ontem na Associação dos Banqueiros Franceses, em Paris, o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, fez uma dramática advertência à comunidade financeira: ou os bancos privados participam mais “ativamente” dos programas de redução da dívida do Terceiro Mundo — inclusive emprestando dinheiro novo —, ou acabarão por enfrentar em breve uma situação de alto risco. Camdessus repetiu, com outras palavras, um alerta semelhante feito há uma semana pelo subsecretário norte-americano do Tesouro, David Mulford, autor intelectual do Plano Brady de redução da dívida.

Outra mensagem de Camdessus aos banqueiros foi a de que eles não devem continuar adiando as negociações com os países devedores, numa manobra para convencer o FMI e o Banco Mun-

dial a fornecerem mais dinheiro para a solução da dívida: “Nós não estamos equipados para dar mais”, sentenciou.

O FMI aprovou, recentemente, as diretrizes de seu apoio financeiro às negociações de redução da dívida entre países devedores e bancos credores, dentro do esquema previsto pelo plano apresentado no começo do ano pelo secretário norte-americano do Tesouro, Nicholas Brady. Cada país pode usar 30% de seus empréstimos normais em transações de redução da dívida e, se necessário, 40% de sua cota (financeira) no FMI.

Agora, escreve de Washington o correspondente **Moisés Rabbinovici**, é a vez do Banco Mundial comunicar oficialmente quanto dinheiro colocará à disposição das operações de redução da dívida, o que poderá acontecer ainda hoje.